

# 2

Edição  
2016.2

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório  
da Faculdade  
de Comunicação  
da UFBA



Páginas 10 e 11

## Ansiedade e depressão nos estudantes da UFBA

Páginas 5 e 6

Empreendedorismo entre  
estudantes universitários

Página 8 e 9

Cicloativismo feito por  
mulheres

Página 14 e 15

Por dentro dos perigos da  
pílula anticoncepcional



# EDITORIAL

A matéria de capa da segunda edição deste semestre do Jornal da Facom traz um tema cada vez mais discutido no ambiente universitário: o impacto das demandas acadêmicas sobre a saúde mental dos discentes. Buscamos informações sobre o panorama na UFBA e as ações que a Universidade vem tomando para enfrentar o problema. Ainda dentro da UFBA, tratamos do crescimento do ensino EAD e os desafios que essa modalidade ainda enfrenta para se consolidar.

Abordamos ainda a relação entre a formação acadêmica e o mercado de trabalho nas matérias que abordam as empresas juniores e as lacunas no sistema educacional vigente.

O ativismo se faz presente em duas frentes. Primeiro, com os movimentos afirmativos afrobrasileiros cada vez mais numerosos, manifestando-se em festas, coletivos e grupos de em redes sociais. E também através do La Frida Bike, que une feminismo e mobilidade urbana.

Pautas de saúde também ganharam destaque nessa edição. Investigamos o aumento do uso de anabolizantes por mulheres, os efeitos colaterais dos anticoncepcionais, as vantagens e os cuidados necessários diante de uma cirurgia bariátrica e os desafios para a estabilização do banco de órgãos da Bahia. Boa leitura!

## JORNAL DA FACOM

Abril 2017

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

EXPEDIENTE

Produção da disciplina  
Oficina de Jornalismo Impresso  
Segunda edição, semestre 2016-2

Reitor: João Carlos Salles

Diretora da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Edição de Arte e Diagramação: Carla A. Risso, - MTb 19.260

Editores chefes: Nina Navarro Jursa (Saúde); Victor Fonseca e Rafaela Ainsworth Rey (Educação); Milena dos Anjos (Cultura e Comportamento); Yasmin Garrido (Cidade e Política); Cícero Cotrim (Fotografia)

Repórteres (turma 2016.2) Ana Esther Gomes, Cássia Carolina Macedo, Cícero Cotrim, Daniel Oliveira, Denise

Araoz, Elba Caroline, Felipe Iruatã, Greice Mara, Lara Pinheiro, Luana Lima, Luís Felipe Brito, Marcela Carvalho, Maryanna Nascimento, Marina Matos, Milena dos Anjos, Nina Navarro Jursa, Rafaela Souza, Rafaela Ainsworth Rey, Rebeca Almeida, Victor Fonseca, Yasmin Garrido, Well Jorbert.

Fotógrafos: Brisa Andrade, Dan Figliuolo, Gabrielle Guido e Matheus Buranelli

Ilustração: Rebeca Almeida

Infografia: Carla A. Risso

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Distribuição gratuita

Contato: jornaldefacomufba@gmail.com



freepik.com

# EAD na UFBA: os desafios de permanecer

Apesar da crescente expansão, o Ensino à distância na UFBA ainda necessita de estímulos da própria Universidade

Rafaela Ainsworth

A educação à distância é uma alternativa crescente diante da demanda nos ambientes educacionais e no mercado de trabalho. A possibilidade de levar à população o acesso à educação superior passa a ser um instrumento de combate às dificuldades de inclusão no ensino, onde antes não se teria condições de frequentar um curso presencial, seja pela distância física ou pela falta de tempo.

Atualmente o Ensino à distância na Universidade Federal da Bahia conta com 25 polos presenciais em atividade no interior do estado e já atendeu cerca de dois mil alunos. Em 2016 foram ofertados 27 cur-

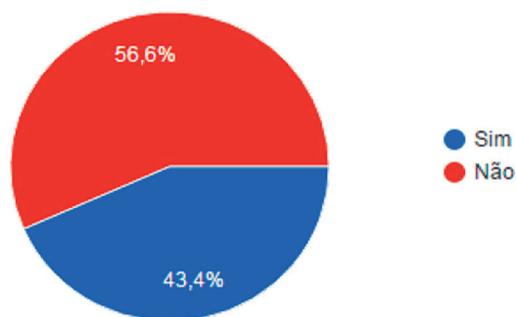
sos, sendo que 12 são de especialização, 9 de extensão e os demais de aperfeiçoamento e licenciatura. Até o fechamento desta edição, estava aberto no portal da UFBA o edital de inscrição para 9 cursos de especialização, que terão início ainda neste ano.

## Primeiros passos

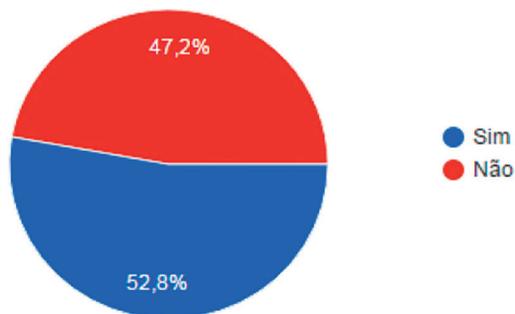
A implantação do EAD se deu graças ao programa de governo Universidade Aberta do Brasil (UAB), instituído em 2006. A UAB é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação à distância. De acordo com Márcia Rangel,



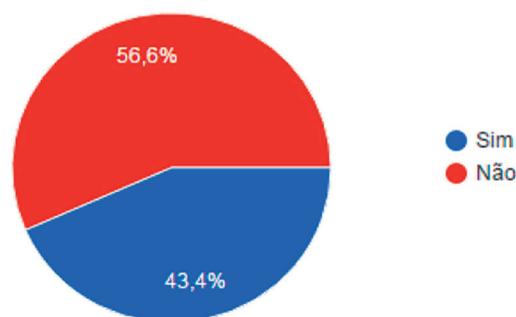
### Você conhecia a modalidade de Ensino à distância da UFBA?



### Você acha que a EAD tem a mesma validade que o ensino presencial?



### Você acha que a UFBA é capaz de equiparar a EAD com a qualidade do ensino presencial?



Superintendente da Superintendência de Educação à Distância (SEAD), a Universidade Aberta ajudou a criar uma estrutura dentro das universidades federais que fosse capaz de desenvolver a atividade do ensino à distância, como foi o caso da UFBA. “Foi uma oportunidade para que a universidade aproveitasse o desenvolvimento de conteúdos, uma equipe multidisciplinar, uma estrutura física, equipamentos e metodologias para introduzir as tecnologias digitais de informação e comunicação”, contou ela para o Jornal da Facom.

Com a coordenação da UAB presente na UFBA, novos projetos de cursos de especialização e extensão se iniciaram, estimulados pelo financiamento da Universidade Aberta. Além dos cursos vinculados à UAB, outros cursos com financiamentos diversos também foram desenvolvidos. A EAD se fortalece dentro da Federal baiana mas ainda carente de estrutura institucional estabelecida.

#### Desafios

Os esforços crescentes para que as devidas adequações que um curso à distância necessita sejam feitas dentro da Universidade têm sido bem sucedidos e aumentam a participação do EAD como pauta institucional da UFBA. Para auxiliar o processo foi implementada, em 2013, a SEAD, com o objetivo de alcançar as metas das Diretrizes do Plano Diretor de Investimentos (DPDI), estabelecidas em 2012, para serem cumpridas até 2016. A partir do segundo semestre de 2015 a SEAD assumiu a Coordenação da UAB dentro da UFBA e desde então vem desenvolvendo ações que contribuem para fomentar e dar visibilidade às atividades à distância na UFBA, além de buscar garantir uma estrutura física e de pessoal que possibilite seu pleno funcionamento.

Dados extraídos da primeira edição da revista digital EaD UFBA revelam as principais queixas dos docentes que atuaram no ensino à distância. A precária estrutura tecnológica foi a principal crítica, somando 40% dos entrevistados, em segundo ficou a falta de apoio institucional, com 30% dos docentes. Questionada sobre o assunto, Márcia Rangel pontuou: “para os cursos da UFBA nós temos disposição para ajudá-los, mas são poucos os professores que nos procuram para obter esse

apoio. Para os cursos da Universidade Aberta do Brasil, que a gente apoia, nós temos uma metodologia pedagógica, tecnológica e um processo de produção organizado”.

A queixa não parte apenas dos docentes, coordenadores de curso também identificam os desafios do EAD aliado à falta de regulamentação da modalidade por parte da Universidade.

“A SEAD vem desenvolvendo ações que contribuem para fomentar e dar visibilidade às atividades à distância na UFBA”

Márcia Rangel,  
Superintendente da SEAD

“Uma grande dificuldade encontrada foi a falta de aulas presenciais nos polos. Isso acabou não acontecendo devido ao corte de gastos do Governo Federal, o que possivelmente contribuiu para a desistência de muitos alunos”, relatou Clovis Zimmermann, coordenador do curso de especialização em Ensino de Sociologia.

Márcia Rangel atenta para a importância da capacitação de todos os

envolvidos com a modalidade EAD. “A gente precisa que esses profissionais e os estudantes dominem determinadas tecnologias para ter facilidade no estudo em ambientes virtuais”,

Uma pesquisa realizada pelo Jornal da Facom, em 5 de Fevereiro de 2017, com 70 estudantes de diversos cursos da UFBA, revelou que a maior parte dos que responderam ao questionário sequer conheciam a modalidade EAD. Outro fator revelado foi a descrença de equiparação da qualidade de ensino à distância com o presencial. “As instituições não se empenham em apresentar um ensino de qualidade, muito embora sejam capazes. Então ainda há muito preconceito em torno dos cursos EAD”, mensagem recebida anonimamente via formulário do Google.

Questionada sobre os resultados da pesquisa, a Superintendente da SEAD revela: “Ainda não estamos incentivando a modalidade EAD na comunidade discente porque a comunidade docente necessita de regularização. A gente está quebrando o paradigma da educação à distância aqui dentro da UFBA, que por ser uma universidade tradicionalmente presencial, existe determinada resistência. Estamos entrando com os cursos da UAB, mostrando que é possível fazer educação com qualidade, montando estrutura para então, em 2018 ,estarmos com todo o processo de institucionalização regulado e incentivando professores e alunos a visitar os cursos à distância”.

# Estímulo ao empreendedorismo



Dan Figliuolo

## História

O conceito de Júnior Empresa surgiu na França, em 1967, com o objetivo de fomentar o espírito empreendedor nos estudantes universitários e aproximá-los da realidade empresarial. O movimento espalhou-se muito rápido, surgindo em 1969 a primeira Confederação de Empresas Júniores neste país.

A partir de uma iniciativa da Câmara de Comércio Brasil-França, o conceito de empresa júnior chegou ao Brasil. Nesse período surgiram as primeiras empresas júniores no país: em 1988 nasce a Empresa Júnior Fundação Getúlio Vargas, pioneira no Brasil; em 1989 a Empresa JR ADM UFBA e a Escola Politécnica da USP.

Atualmente o Movimento Empresa Júnior global é constituído por confederações de grande porte, dentre as quais devemos destacar a brasileira, a americana, a asiática e a europeia. As federações movimentam juntas mais de três milhões de euros.

## Empresas juniores são alternativa para estudantes que buscam experiência acadêmica diferente.

Victor Fonseca

As universidades são historicamente um lugar de renovação de cunho acadêmico e científico por se tratar de um espaço predominantemente formado por jovens. E quando os estudantes sentem a necessidade de colocar em prática o que é transmitido em sala de aula?

Para isso surgiram as empresas juniores (EJ), associações sem fins lucrativos, constituídas por estudantes de uma universidade e tem como o objetivo colocar em prática os conhecimentos e competências adquiridos ao longo da formação acadêmica. Sob a premissa de “learning by doing” (aprender fazendo), os estudantes têm a oportunidade de criarem projetos, assumirem cargos de gerência e presidência, comandar equipes e lidar com clientes reais. Esses jovens saem da faculdade com uma formação diferenciada e no currículo a bagagem de ter ocupado cargos que seriam conquistados apenas com alguns anos de carreira.

É o caso de Marcela Carvalho, 20, ex-diretora presidente da empresa júnior de comunicação da UFBA, Produtora Júnior situada na FACOM. “Dentro da Produtora Júnior eu tive a oportunidade de trabalhar com áreas que a graduação não me proporcionava. Eu queria viver um pouco disso, até para saber o que eu ia fazer no meu futuro”, explica Marcela.

As EJs estão ligadas ao conteúdo programático do seu curso de graduação. Apesar da orientação e supervisão de um professor tutor, os estudantes têm gestão autônoma em relação à direção da faculdade. Além disso, um dos principais diferenciais de uma empresa júnior é que toda a renda obtida através dos serviços realizados deve ser investida na infraestrutura da empresa e na capacitação dos membros, caracterizando um trabalho voluntário e não-remunerado.

Em 2016 o Brasil se tornou líder em empresas no segmento, superando o continente europeu onde o movimento surgiu na década de 1960. Segundo a Confederação Brasileira de Empresa Júniores, a Bra-



Carol Magalhães, Marina Matos e Maria Luiza Argôlo, com prêmios recebidos pela Produtora JR.

sil Júnior (BJ), são 444 empresas comandadas por estudantes e 15 mil empresários juniores no Brasil todo.

Para Pedro Rio, presidente da Brasil Júnior na gestão de 2016, a liderança do Brasil nesse segmento se deve ao fato de as universidades brasileiras não oferecerem cursos de empreendedorismo. “No Brasil não temos isso. Então as empresas juniores complementam uma ausência de ensino na prática”.

Por serem desenvolvidos por estudantes os projetos chegam ao mercado com um custo mais baixo, variando entre 30% a 40% abaixo do valor de mercado. Em 2016, EJs faturaram mais de R\$11 milhões.

### Movimento na Bahia

As empresas juniores estão presentes em 287 universidades brasileiras, entre particulares e privadas. No entanto 93% delas estão em instituições públicas federais e estaduais. Para dar suporte a todas essas empresas cada estado tem sua federação, são 20 espalhadas pelo Brasil.

A UNI Jr-BA, Federação de Empresas Juniores da Bahia, fundada em 1999, é responsável por representar, fomentar e regulamentar o Movimento Empresa Júnior (MEJ) no estado além de defender as empresas juniores frente à sociedade.

A instância, de uma forma geral, serve para conectar as empresas e promover um aprendizado e crescimento compartilhado, assim não fortalecendo apenas a EJ, mas sim, o movimento.

“A gente presta todo o suporte para que as empresas juniores se fortaleçam e possam, cada vez

mais, proporcionar a experiência da vivência empresarial completa para os seus membros, através dos três pilares que são: gestão, projetos e cultura empreendedora”, afirma Marcela Carvalho, que hoje ocupa o cargo de Diretora de Marketing da federação.

Ao todo são 34 empresas federadas à UNI Jr-BA e 4 pólos (Juazeiro, Salvador, Ilhéus e Feira de Santana). Para ser considerada um polo, a cidade precisa ter pelo menos 3 empresas federadas.

Em 2003, foi criado o Núcleo de Empresas Juniores da UFBA (NEJ-UFBA) para representar as EJs perante a universidade. Atualmente, existem 23 empresas filiadas ao NEJ-UFBA e mais 25 iniciativas que são basicamente empresas que ainda não tem a regulamentação certa para ser considerada uma empresa júnior. “No total, a gente consegue atingir 80% dos cursos da UFBA que tem empresas juniores”, afirma Alice Medina, aluna do curso de Engenharia de Controle e Automação da UFBA e coordenadora geral do NEJ-UFBA. Das empresas filiadas, existem mais de 200 empresas juniores na UFBA

Como coordenadora geral, Alice lidera uma equipe de 23 pessoas. “Além de liderar a equipe, a minha função, como coordenadora geral é representar o NEJ perante a UFBA, perante a sociedade e os parceiros. Além de representar, eu preciso criar relacionamentos para trazer benefícios da ufba para os empresários juniores”, explica a coordenadora do NEJ-UFBA.

Um desses benefícios é Plano de Inovação e Extensão das Empresas Juniores (PIEEJ) que é um

resolução feita pelo NEJ e aprovado pela UFBA. Essa resolução trata de garantir que as EJs que existem hoje na universidade cumpram com os critérios para que possam ser aceitas como atividade de extensão e inovação. “A partir disso, as empresas podem emitir um certificado de carga horária complementar para os seus membros”, completa Alice.

### Carreira

Com certeza que a experiência de exercer cargos de liderança e lidar com situações que acontecem no mercado ainda na faculdade pode ser um grande diferencial no currículo na hora de buscar um emprego.

Há empresas como Ambev, Itaú, Votorantin e Globo que realizam processos seletivos para trainees exclusivamente para estudantes que passaram por empresas juniores. “Um estudante que vive o Movimento Empresa Júnior de fato, torna-se muito mais do que apenas um estudante, torna-se alguém realmente preparado pro mercado, seja para entrevistas ou até para assumir um cargo de liderança, lida bem com demandas e sabe organizar melhor seu tempo”, afirma Sabrina Fiuza, atual presidente da Produtora Júnior.

É o caso de Naiana Ribeiro, que entrou na Produtora Júnior em 2012. Durante sua passagem pelo Movimento Empresa Júnior, ela assumiu diversos cargos como: Diretora de Comunicação, Conselheira do NEJ, Assessora de eventos do Encontro Nacional de Empresas Juniores (ENEJ), entre outros.

Nesse período de dois anos e meio, Naiana experimentou tudo que a vivência empresarial poderia lhe oferecer. “Eu aprendi um pouco de cada âmbito da comunicação até questões de comunicação estratégica, gestão de empresas, liderança. Então ter participado da Produtora Júnior e do MEJ, me fez uma profissional mais completa nesse sentido”, afirma Naiana. A experiência, segundo ela, facilitou sua entrada no mercado de trabalho. “Quando você faz parte de uma empresa júnior, você acaba tendo noção de como funciona um processo seletivo, do que você precisa ter, então eu sabia das competências que eram necessárias”, explica. Hoje, Naiana trabalha no Jornal Correio\* como estrategista de engajamento e redes sociais, cargo criado especialmente para ela.

A Empresa Júnior, de certa forma, é como uma segunda escola. Os estudantes têm a possibilidade de testar, inovar e errar em certas situações, aprendendo com os seus erros, além de ter a orientação de pessoas como o professor tutor. Já no estágio os estudantes serão cobrados por conhecimentos prévios que não são ensinados no ambiente acadêmico. “Existem algumas coisas que a gente conseguiu praticar na Produtora, mas nas empresas normais não são bem praticadas”, ressaltou Naiana sobre as vantagens de ter a vivência do Movimento Empresa Júnior em seu currículo. .

# “Devíamos preparar para a desordem”

## Repensando os modelos educacionais e o seus impactos

Marcela Carvalho

Com um sistema educacional que às vezes não verdadeiramente estimula as pessoas a desenvolverem suas habilidades e dons através de uma carreira, muitos passam a vida inteira sem saber qual talento podem ter. A escolha de uma profissão pode apenas passar pelo valor do salário pago. Quantos passam seu tempo frustrados, atrás de computadores em firmas multinacionais, por nunca terem sido encorajados a serem bailarinos ou chefes de cozinha desde o início do seu processo educativo, por exemplo?

Desde o ensino médio, não se costuma estimular interdisciplinaridade; estuda-se física e filosofia de forma completamente dissociada, em vez de compreendê-las como dois aspectos complementares dos fenômenos naturais e humanos. No sistema educacional do ensino médio as alternativas pedagógicas para estimular a imaginação e criatividade dos alunos são escassas e não impulsionam o potencial e os caminhos que poderiam se abrir no processo contínuo de aprendizado.

De acordo com Thomas Frey, fundador do Da Vinci Institute (organização norte-americana sem fins lucrativos que busca pensar e inovar de acordo com predições para o futuro, principalmente no âmbito tecnológico), em dez anos, 60% das pessoas trabalharão com algo que ainda não existe. Previsões distópicas à parte, é preciso estar preparado para o avanço tecnológico e para as demandas naturais que surgirão com a escassez dos recursos ambientais, principalmente. Além do estudo base-

ado nos clássicos - que não deixam de ser cruciais para entender como chegamos até aqui - é essencial que a academia se abra para a experimentação, voltando-se para o mundo que vivemos e viveremos e não apenas aquele que já se viveu.

Um bom exemplo é a experiência da estudante de engenharia de produção Carolina Costa, criadora da página do Facebook “Vale a pena ver na UFBA” e sócia da Cubos Tecnologia - startup de desenvolvimento de softwares e apps -, que estudou durante quase dois anos em universidades alemãs graças ao Programa Ciências sem Fronteiras. Seguindo ela, “muitos dos professores utilizam cases atuais do mercado para exemplificar as aulas, o que torna o conteúdo mais concreto. É comum ter visitas técnicas e existe um setor de estágio na universidade, que ajuda os alunos a construir currículos, se preparar para as entrevistas e tem parcerias com empresas que para disponibilizam vagas de estágio”, relata.

A metodologia PBL (Problem Based Learning, em inglês), ou Aprendizagem Baseada em Problemas é uma estratégia pedagógica que exemplifica um dos caminhos para o novo conceito de educação, no qual cada um é responsável pelo seu aprendizado. Aprender não se torna uma imposição, e sim uma co-construção. A metodologia pressupõe que os alunos estudem um assunto em casa, sugerido anteriormente por professores, e o tempo de aula seja usado para discussão sobre o tema, em pequenos grupos, estimulando a interdisciplinaridade. “Não é só teoria. O professor sai do papel

de fonte do conhecimento para ser um auxiliador”, explica Carolina.

Algumas estratégias para um aprendizado alternativo poderiam ser: a disposição de conteúdos organizados para acesso fácil em plataformas; aulas presenciais facultativas; incentivo à colaboração entre os alunos; a valorização do ensinar como forma de aprendizado; a disponibilização de exercícios com respostas; e a possibilidade dos próprios alunos sugerirem tópicos que sentem necessidade e que precisam ser estudados, sendo estes ofertados a partir de matérias optativas criadas para suprir tais lacunas.

Já em 1999, o professor e “ativista” - como ele se identifica -, Nelson Pretto, mestre em educação e doutor em comunicação, em entrevista para o Jornal do Brasil sobre o futuro da escola afirmava que “em geral achamos que a educação tem problemas e que pode ser consertada. Eu acho que é mais que isso. É preciso dar uma mexida geral na lógica da sustentação à concepção e educação”. Para ele, “por mais que as correntes pedagógicas estejam pensando em novas concepções, novos projetos, novas metodologias, a educação continua sendo para preparar a meninada para a ordem e eu acho que devíamos preparar para a desordem”. O docente acrescentava que “não é uma questão de moda, mas a ciência não está mais trabalhando com processos reversíveis e sim irreversíveis, com as interações não lineares e não nas lineares. E a escola continua centrada na idéia de ordem, de reação linear”. “A sistemática do avaliar - dizia - começa definindo para quê se quer educar. Temos que formar um cidadão que em vez de se adequar a essas políticas, defina, formule políticas”. E prosseguiu: “Uma educação que muda pode construir um modelo em que teremos uma educação que forma cidadãos que interagem e não pessoas que consomem”.

Será que aqueles que nasceram quando Pretto refletia sobre o futuro da escola, e que agora adentram na universidade, estão vivendo um sistema educacional diferente em 2017?

### Dica de TED

“Do schools kill creativity?” (Escolas matam a criatividade?, em tradução livre), por Sir Ken Robinson.



# Empoderamento sobre duas rodas

Coletivo La Frida Bike incentiva mulheres a andar de bicicleta

Foto: Brisa Andrade/LABFOTO



## Milena Anjos

Aprender a andar de bicicleta é quase uma meta durante o período da infância ou adolescência, mas por diferentes motivos, nem todos a alcançam. Para Ariadne Ramos, 22, além da questão financeira, a rua onde morava impediu que ela aprendesse quando criança. “A rua que eu morava era uma ladeira que dava na rua principal, uma via de ônibus e muitos carros. Desse modo, por mais que quisesse uma bicicleta de presente de aniversário ou natal, como muitas outras crianças, eu não teria”, afirma. Mas o desejo por aprender a pedalar ultrapassa limites etários e tem sido cada vez mais comum ver adultos motivados a realizar seu desejo de infância. Foi assim com D. Elza Menezes, 59, que após 50 anos teve a oportunidade de dar suas primeiras pedaladas. “Dei as minhas primeiras voltas alí na Praça do Campo Grande, foi um momento ímpar na minha vida. Consegui controlar a bicicleta e saí andando praticamente só”, conta. É neste contexto que surgem coletivos com propósitos de apresentar a liberdade sobre duas rodas para pessoas de diferentes idades.

O La Frida Bike é um desses coletivos que surgiu há um ano e meio com o objetivo de estimular a representatividade feminina na mobilidade urbana. Criado por três mulheres, o La Frida tem como público específico a mulher, principalmente a negra moradora da periferia. Jamile Santana, 25, coordenadora de produção do projeto, afirma que dentro de uma sociedade machista onde diversos direitos são negados às mulheres, andar de bicicleta é mais um. “Acessar a cidade ainda é uma dificuldade para algumas mulheres - diz Jamile - principalmente para as negras” que residem nas periferias. “A bike é um instrumento de poder, poder de acessar a cidade sem precisar pegar um ônibus lotado ou ter um carro, poder de sentir os lugares”, conclui. O coletivo compreende que andar de bicicleta está para além de uma satisfação pessoal, pedalar é um ato político. Para Jamile, o cicloativismo é uma forma de militância através da bike, que busca chamar a atenção para o uso da bicicleta como parte estrutural da mobilidade urbana. “Lutamos por esses direitos de ter uma cidade mais justa, menos poluída, com trânsito mais livre, com pessoas mais saudáveis fisicamente e mentalmente”, afirma Jamile. Através de financiamento coletivo independente - Catarse e incentivos privados como o projeto Primeiro Passo do Itaú - colaboração para projetos que promovam a mobilidade urbana através da bicicleta, o La Frida pode adquirir suas primeiras bikes e bicicletários e desta forma contribuir, de maneira direta, para que 60 mulheres aprendessem a andar de bicicleta, Ariadne e D. Elza estão entre elas.

D. Elza conta que foi incentivada pela filha, Cynthia de Araújo, 32, que já conhecia o projeto através das redes sociais. Cynthia aprendeu a an-

dar de bicicleta ainda criança, mas viu no La Frida a oportunidade da mãe realizar o sonho de infância. “Foi emocionante observar a minha mãe durante a aula. Fiquei um pouco mais distante para não atrapalhar, mas vê-la realizando um sonho de infância foi uma conquista também para mim”, conta. Já Ariadne tentou por diversas vezes aprender com a ajuda de amigos, mas nunca sentiu segurança e nem confiança no seu equilíbrio corporal, e foi Cynthia quem lhe contou da existência do La Frida. “Fui buscar o coletivo no Facebook, vi que eu me encaixava no perfil e mandei um e-mail. De pronto fui respondida e marcamos uma aula para o final de semana próximo. A aula foi bastante calma, respeitando meus limites e em pouco mais de uma hora eu já estava dando as voltas livremente e não precisei de mais nenhuma aula técnica”, diz.

Aprender a andar de bicicleta é a primeira etapa do desafio para quem deseja ser ciclista em Salvador. Apesar das iniciativas públicas e privadas que tem acontecido na cidade nos últimos anos, como estações públicas e construção de ciclovias, isso é muito pouco para quem utiliza a bicicleta como transporte diário. “A cidade não é pensada para ciclista. As ciclovias não deveriam estar presentes apenas na orla, nós queremos usar a bike de acordo com nossa rotina. A minha vida cotidiana, por exemplo, passa muito pouco pela orla da cidade”, reclama Ariadne.

Além dos problemas estruturais, ciclistas ainda enfrentam um grande desrespeito no trânsito. “As pessoas em geral não entendem que é direito da bicicleta de estar ali. Elas nos enxergam como intrusas ou loucas. Muitos motoristas não consideram a vida do ciclista” conta Cynthia, quem relata que “a ânsia por se afastarem de nós e se livrarem de nossa presença ‘inconveniente’ faz eles realizarem ultrapassagens perigosíssimas”. “Muitas vezes, uma buzina mal usada pode assustar o ciclista e fazê-lo perder o equilíbrio”, adverte Cynthia. É diante desta realidade que projetos como o La Frida Bike carregam um caráter de resistência bastante significativo ao permitir que mulheres se empoderem e lutem por uma cidade mais acessível.

O coletivo La Frida Bike é responsável por gerir mais três projetos: o Bicilafrida - implantação de bicicletários em escolas públicas, universidades e em áreas públicas com concentração de projetos artísticos. Atualmente já foram implantados 6 bicicletários na Ufba, 1 na quadra do bairro de São Caetano e 2 na cidade de Cachoeira e após a conclusão de um mapeamento feito pelo coletivo, mais 30 bicicletários serão espalhados na cidade. Uma outra iniciativa é o Preta Vem de Bike - projeto que ensina, única e exclusivamente, às mulheres negras a andarem de bicicleta e por fim o La Frida Bike Café - sarau que reúne cantoras negras, poetisas, compositoras, fotógrafas e artistas em um ambiente de intercâmbio artístico negro.



Ariadne Ramos e  
Cynthia Araújo

Evento “Mal-estar na Universidade: ansiedade e depressão em estudantes da UFBA”



# Universidade da ansiedade

Saúde mental dos estudantes preocupa e UFBA desenvolve ações para um ambiente acadêmico melhor

Luana Lima

Diversas atividades e avaliações, alta competitividade, poucas horas de sono, dificuldades financeiras, saudade da família, distância entre a casa e a faculdade e grande cobrança social pelo tão sonhado diploma. Não é difícil conhecer estudantes universitários que lidem com muitas destas questões no ambiente acadêmico e todos estes fatores têm contribuído para um cenário preocupante UFBA no que diz respeito à saúde mental destes jovens.

Segundo dados recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil é “o país mais deprimido e ansioso da América Latina”, onde a depressão atinge 5,8% da população e, quando se trata da ansiedade, a taxa aumenta para 9,3%. Sendo que, apenas na Bahia, a depressão limitou as atividades de 19,7% dos baianos maiores de 18 anos que foram diagnosticados com a doença, de acordo com um levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2014. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Jornal da Facom

(JF), que contou com a resposta de 113 estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) de mais de 20 cursos diferentes, 40% já trancaram o semestre ou a faculdade devido a tais problemas.

Em outubro do ano passado foi realizado o evento “Mal-estar na Universidade: ansiedade e depressão nos estudantes da UFBA”, na Faculdade de Comunicação, com o objetivo de colocar em evidência como o ambiente acadêmico impacta no desenvolvimento de problemas emocionais nos estudantes e as ações que a UFBA está desenvolvendo sobre o tema. De acordo com os dados apresentados nessa oportunidade, com uma população de 34 mil discentes, a ansiedade e a depressão são os motivos de, respectivamente, 46% e 10% dos atendimentos realizados a estudantes no Serviço Médico Universitário Rubens Brasil/UFBA (SMURB), revela Rita Franca, médica do setor. Mas é importante frisar que nem sempre a vida acadêmica é a causante dos problemas de ordem emocional. Ela atua como um agente catalisador devido aos diversos conflitos e estresses que os jovens enfrentam nesse ambiente.

## Identificando os sintomas

A ansiedade é um sentimento comum quando nos expomos a situações desconfortáveis, porém, pode tomar dimensões patológicas quando situações corriqueiras geram uma extrema preocupação, angústia e sofrimento e, segundo Franca, “esse quadro é mais intenso no início e no final do período

“A nossa educação anda na contramão do mundo, que percebeu que não adianta submeter a um ser humano a 12 horas diárias de estresse esperando um aumento da produtividade. O resultado é de jovens adultos estressados, confusos que sabem muito sobre concreto armado, por exemplo, e nada sobre a vida.”

“Nenhum apoio humano por parte de servidores e professores. Falta de dinheiro para comprar livros, xerox, pagar congressos. Estágios que exploram a mão de obra barata e inexperiente. Pressão para que sigamos carreiras de acordo com salário e jamais por vocação. Professores machistas, racistas e homofóbicos. Grupos que poderiam ser um alento na faculdade (coletivos, empresa júnior, grêmios estudantis) extremamente fechados e pouco convidativos”



de graduação”. Os sintomas marcantes desse problema são mal-estar, palpitações, sudorese excessiva, transtornos do sono, redução da concentração e atenção, entre outros.

No caso da depressão, as causas podem ser biológicas ou advindas de pressões ambientais, ocasionando um desequilíbrio que desencadeia diversos sintomas, psicológicos ou físicos, como: humor triste ou irritado, perda de interesse por atividades que normalmente seriam prazerosas, alteração do apetite, baixa autoestima, tristeza, sensação de cansaço, entre outros.

#### **Um ambiente pouco saudável**

Para Denise Vieira, Ouvidora da UFBA e psicóloga, existe um modelo estrutural de Universidade que está pautado no produtivismo e na competitividade, o que contribui para que esta não seja um ambiente saudável. A busca por produzir cada vez mais está presente no cotidiano dos estudantes, que são cobrados a realizarem diversas avaliações, trabalhos, pesquisas, em um curto espaço de tempo, como reflexo da lógica produtivista que é imposta também aos docentes. “Nós, professores, não aprendemos a ensinar, aprendemos a fazer pesquisa”, explica Vieira, e o resultado disso é um processo de aprendizagem do discente prejudicado a partir do momento em que tal produtivismo se reflète em aulas mal planejadas, sobrecarga de atividades, etc.

A rotina de tantas demandas e responsabilidades também instaura no ambiente acadêmico uma lógica do alto desempenho, que submete os estudantes a um regime de concorrência e competição, onde a solidariedade e a ação coletiva não são estimuladas. Existe uma cobrança para que o indivíduo tenha ótimo rendimento em tudo e o score é, muitas vezes, o determinante de sucesso. E caso o alto desempenho não seja atingido o problema está na pessoa, que não consegue se adaptar a esse modelo de ensino que é imposto, e passa a ser considerada como “abaixo da média”. Isso leva a um sentimento de que o indivíduo está sempre em falta com as suas atribuições, gerando um processo de fragilização do eu.

Tornar a universidade um ambiente mais saudável passa por uma mudança estrutural e de lógica das relações. O produtivismo e competitividade precisam dar lugar a um sistema de ensino que estimule mais a colaboração e valorize as habilidades de cada indivíduo.

#### **Ações preventivas e acolhimento**

A ouvidora Vieira conta que a Reitoria da UFBA tem discutido sobre a temática e planeja a criação de um código de conduta que visa orientar as relações na instituição e estimular uma convivência universitária mais saudável. Além disso, destaca a importância de trabalhar na valorização da docência, já que muitas situações relacionadas a esse problema têm vindo da relação entre discentes e professores.

Para proporcionar uma melhora desse quadro e trabalhar o desenvolvimento profissional desses docentes, a Pró-Reitoria de Ensino e Graduação (PROGRAD) oferece a Oficina de assessoria pedagógica. Além disso, também existe projeto de criação de um grupo de reflexão sobre práticas docentes.

O cenário de saúde mental dos estudantes da UFBA requer atenção e outro fator preocupante se revela nesse contexto: 80% dos estudantes que participaram da pesquisa do JF afirmou desconhecer as opções de atendimento que a universidade disponibiliza em casos de ansiedade e depressão. O principal canal de acolhimento e atenção à saúde mental dos estudantes na UFBA é a Ouvidoria, que está localizada no Palácio da Reitoria, bairro do Canela. A psicóloga Luciana Diz, que atua no órgão, explica: “Não queremos só resolver denúncias, a intenção é acolher e propor mudanças de paradigmas”. O trabalho da Ouvidoria se dá a partir de três sistemas: de acolhimento e parcerias, de ação preventiva e compartilhada e de incubação de dispositivos institucionais. A psicóloga conta que o órgão tem trabalhado no desenvolvimento de diversos projetos, como a elaboração de um diagnóstico institucional e a criação de pequenos núcleos de escutas qualificadas em todas as unidades de ensino e órgãos de gestão da UFBA, entre outros. Já para atendimento médico especializado, a UFBA dispõe do SMURB, que funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 18h, no campus universitário do Canela.



# Riscos para a saúde

Mulheres também estão usando anabolizantes

dos por atletas para obter melhores rendimentos, especialmente pelos fisiculturistas. Contudo, nos últimos anos cresceu o uso de esteroides por não atletas no país. Esses novos consumidores são pessoas que buscam no anabolizante a solução rápida para obter um corpo hipertrofiado com índice baixo de gordura, fórmula da perfeição, segundo eles. Nessa nova onda embarcaram as mulheres, que por fins estéticos passaram a usar esteroides anabolizantes.

Uma recente pesquisa feita pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia mostrou que um em cada 16 estudantes já usou anabolizantes. O uso está aumentando tanto entre as moças como entre os rapazes.

As mulheres que usam anabolizantes têm como referência as “musas fitness” da TV e internet. Além de seguirem rotinas diárias de exercícios físicos acompanhadas por dietas regradas, elas recorrem aos anabolizantes com o objetivo de diminuir a massa gorda, aumentar a massa magra e definir o corpo.

Hanna (que prefere não ser identificada), estudante de nutrição, começou a malhar há um ano pois se sentia muito magra. Por isso se matriculou na academia para ganhar músculos. Rodeada de mulheres saradas, ela passou a admirar essa estética. Quatro meses depois, sob prescrição médica, começou a utilizar anabolizantes. “Também pedi ajuda de um amigo, instrutor de uma academia, e ele me orientou em todo o processo”. O ciclo, como é chamado o período em que a pessoa usa os esteróides, durou dois meses. Hanna aplicava nos glúteos, semanalmente, 2 ml de uma substância chamada nandrolona.

Contudo, no Brasil a substância é controlada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) por causa das graves consequências que pode trazer à saúde. Os esteroides devem ser usados em casos muito específicos como, por exemplo, em pacientes com câncer ou portadores de HIV que perderam muita massa muscular. O limite é estipulado pelo próprio Conselho Federal de Medicina (CFM), que proíbe indicações de hormônios para fins estéticos.

Hanna comprou os produtos com uma receita médica assinada por seu endocrinologista, a quem não quis identificar. Ele pediu exames e prescreveu remédios para diminuir os efeitos colaterais. Mesmo assim, a voz engrossou, a estudante parou de menstruar e viu o seu índice de colesterol ruim crescer. Ao todo, gastou R\$ 200,00 em produtos, fora as consultas médicas e exames.

### Riscos

O uso indiscriminado de anabolizantes aumenta as chances de desenvolver câncer, especialmente no fígado. “Pelo fato do fígado ser uma região que recebe muito sangue, o risco de metástase é maior”, diz o médico Itamar Medeiros, especialista em medicina esportiva. Em seu consultório, ele recebe atletas profissionais e amadores e, nos últimos anos, um número crescente de mulheres dispostas a tomar esteroides. Medeiros explica que os danos decorrentes do mal consumo não se resolvem facilmente “nem há nenhuma garantia de que os efeitos colaterais possam ser revertidos”, afirma.

### Tumores

A oncologista Adriana Maltez relata casos de tumores em usuárias dessas substâncias. “Tive uma paciente que foi operada de tumores múltiplos causados pelo abuso de anabolizantes. Ela veio a óbito”, diz. Segundo a cardiologista Ana Cristina Carvalho, o corpo feminino sofre mais do que o masculino com o uso de anabolizantes. “Pressão arterial elevada e dor no peito que pode evoluir para infarto são os sintomas mais comuns nas mulheres”, afirma.

### Caso Maria Melilo

Acometida por um câncer depois de usar esteroides por cerca de sete anos, o caso de Marisa Melilo, ex-BBB, foi muito divulgado pela imprensa. Maria sofreu um dos possíveis efeitos dos anabolizantes, o câncer no fígado, um tipo raríssimo de tumor que atinge um em cada um milhão de pessoas. Em decorrência da doença, Maria passou por uma cirurgia longa e delicada e teve que retirar 70% do fígado.

### Anabolizantes mais usados

Segundo Hamilton Couto, médico ortomolecular, os principais esteroides anabolizantes usados por mulheres são os derivados da testosterona, como cipionato e enantato de testosterona, nandrolona, oxandrolona e estanozolol. Alguns destes hormônios não são indicados para uso humano - são produtos veterinários - e outros são comprados pela internet sem receita médica.

Especialistas são unânimes ao afirmar que todos os derivados da testosterona são perigosos para a mulher. “Todo anabolizante é perigoso”, diz Couto. Até aqueles que supostamente tem menores efeitos colaterais e que são os mais usados pelas mulheres” pois são nocivo à saúde, afirma o especialista.

### Well Jorbert

Na busca de um modelo de beleza padrão “fitness”, muitas brasileiras recorrem ao uso de anabolizantes proibidos que comprometem a sua saúde. O Jornal da Facom investiga, nesta edição, o que pensam e o que fazem essas mulheres que querem transformar o seu corpo em sinônimo de perfeição.

O uso de anabolizantes no Brasil não é um fato recente. Esteroides sempre foram consumi-

# O perigo combinado

## Relatos de vítimas dos efeitos das pílulas anticoncepcionais ganham visibilidade em mídias sociais

Marina Matos

**V**eneno, bomba relógio, um risco. Essas são algumas das palavras usadas para descrever as pílulas anticoncepcionais. É sintomático: com a veiculação de notícias e debates acerca da temática das pílulas anticoncepcionais em meios de grande alcance, grupos no Facebook tornam-se mais populares na busca por informações e conscientização. O número de solicitações de entrada nesses grupos chega a 100 por dia quando uma grande emissora faz uma matéria sobre o método.

As pílulas anticoncepcionais, ou anticoncepcionais orais combinados, contêm hormônios sintéticos (geralmente progesterona e estrogênio) que inibem a ovulação e evitam a gravidez. Os hormônios são de origem vegetal e também são usados durante a menopausa para garantir que os níveis hormonais dessas mulheres se mantenham normais. Na bula são observados efeitos colaterais que vão de alterações na libido a processos tromboembólicos, entre outros.

A trombofilia é a propensão a desenvolver trombose ou outras alterações em qualquer período da vida devido a uma anomalia no sistema de coagulação do corpo. A condição que é genética pode aumentar em até 30 vezes o risco da formação de coágulos na corrente sanguínea das mulheres que usam métodos contraceptivos hormonais.

A equipe do Jornal da FACOM (JF) levou o debate ao grupo no Facebook “Trombose x Anticoncepcionais”, que conta com 4060 membros, questionando as participantes diante de suas experiências com a pílula. “Fui diagnosticada com trombose e o motivo era a pílula. Após ficar seis dias no Centro de Terapia Intensiva (CTI) e quatro no quarto estou em um tratamento de 6 meses com anticoagu-

lante. Sou contra e a todo mundo que usa, dou meu relato e falo para procurar outro método”, declara Thamires Pereira Serra.

“Fiz todos os exames para saber se tinha alguma causa genética e não tenho nada, portanto a causa da minha trombose foi o uso do remédio Tamisa 30 durante 4 anos. Nunca mais poderei usar nenhum hormônio. Pelo que passei e pelos relatos de casos graves, alerto as mulheres que tomam e considero hormônios anticoncepcionais uma bomba relógio!”, concorda Amanda Fedalto.

Luiza Tacconelli teve uma trombose cerebral em 2010, fez um vídeo para conscientizar as mulheres dos riscos da pílula anticoncepcional e postou no Youtube. Após a repercussão do seu relato criou o grupo Campanha de Conscientização - Uso de anticoncepcionais, para conscientizar as mulheres da complexidade das pílulas. Com 3884 membros, é administrado por Luiza e uma colega que analisam o perfil das pessoas que solicitam entrada, para certificar que o grupo será bem aproveitado. Diariamente, são compartilhados relatos, matérias e dúvidas sobre o tema.

### Tomar ou não tomar?

Em sondagem feita pela equipe do JF foi constatado que entre as 169 mulheres que responderam, 55,6% não usa a pílula. O principal motivo é já ter tido problemas com os efeitos colaterais. Consequentemente, 90,4% desse grupo afirma que não recomendaria as pílulas para conhecidas.

Já entre as 73 mulheres que usam a pílula, um dado é preocupante: apenas 40% das usuárias da pílula foi examinada antes de ter o método recomendado pelo seu ginecologista. 68% sabe o que é a trombofilia.

Algumas das participantes que usam acreditam que é preciso ser feita uma orientação maior

acerca do uso e dos efeitos colaterais da pílula, citando frequentemente a falta de informação. “Desconhecia os efeitos negativos até ter uma embolia pulmonar.” afirmou uma delas. “Será que anticoncepcional dá depressão? Eu fico irritada e desanimada” questiona outra participante.

Renata Britto, ginecologista e professora da pós graduação em Medicina e Saúde da UFBA, explica: “A falta de esclarecimento do médico quando prescreve uma pílula pode causar essa reação exagerada aos efeitos adversos. O risco de uma mulher ter uma trombose usando pílula combinada é em torno de 0,2% ao ano. Mas se acontece com uma mulher que não foi esclarecida sobre este risco, os danos emocionais serão muito maiores. Todos os casos em redes sociais que tratam as pílulas como ‘veneno’, foram suportados por mulheres que viveram experiências assim.”

Em um estudo feito entre 2001 e 2007 pelo Foods and Drugs Administration (FDA) um órgão americano responsável pela regulamentação de medicamentos, foi constatado que o risco de trombose



é ainda maior no uso de pílulas feitas com drospirenona, como nos remédios Yas, Yasmin e Elani, comercializados e populares no Brasil.

#### Outras alternativas

Para aquelas que já tiveram algum problema com as pílulas ou preferem não tomar pelos efeitos colaterais, existem diversas outras opções de métodos contraceptivos disponíveis no mercado. Além das populares camisinhas masculinas e femininas, que são distribuídas em postos de saúde, o dispositivo intra-uterino (DIU) também pode ser colocado pelo SUS e tem se tornado mais popular entre as mulheres.

Outros métodos também estão disponíveis. A injeção anticoncepcional pode ser administrada mensal ou trimestralmente. As vantagens e as desvantagens são as mesmas da pílula. O anel vaginal, o diafragma e a ligadura de trompas são outras alternativas que podem ser usadas como métodos contraceptivos, contanto que haja a recomendação do ginecologista.

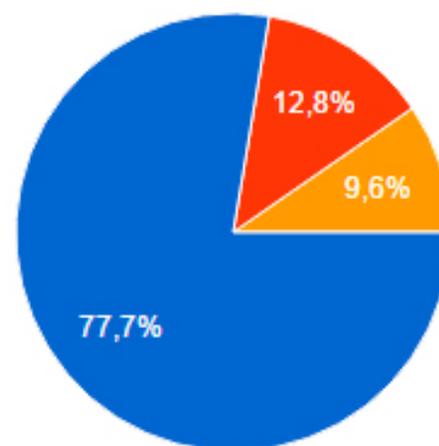
#### Muito além de evitar a gravidez

Há no Brasil uma grande preocupação com a prevenção de uma gravidez indesejada. Apesar de importante, é fundamental também a proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) transmitidas pela relação sexual sem proteção ou ainda pela transfusão de sangue contaminado, compartilhamento de seringas e agulhas.

Segundo o Ministério da Saúde, ocorreu uma diminuição no uso regular do preservativo entre os jovens de 15 a 24 anos no país. Em 2004 a taxa era de 58,4% e em 2013 despencou para 34,2%.

Como um complemento aos métodos anticoncepcionais, hoje é possível monitorar o ciclo menstrual e suas fases através de aplicativos, como o Natural Cycles, OvuView, LoveCycles, Clue, Sai Cólica, Meu Ciclo, entre outros. Através deles, fica mais fácil acompanhar o período fértil, TPM, mudanças de humor etc.

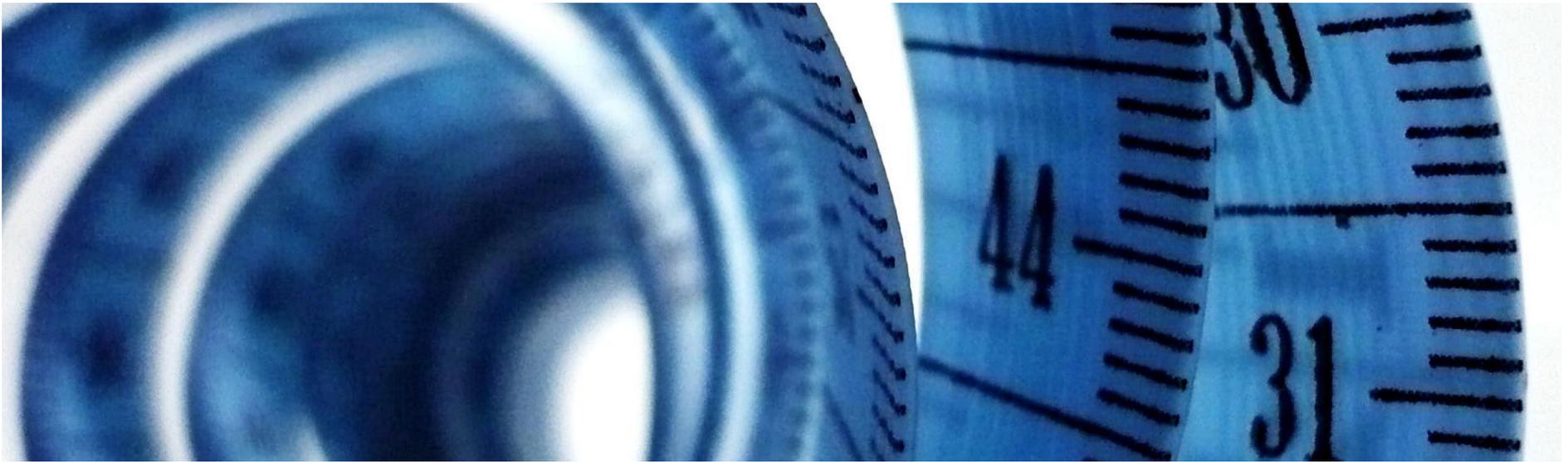
#### Qual o motivo para não usar? (94 respostas)



- Já tive problemas com os efeitos colaterais
- Prefiro outros métodos
- Não preciso usar



Divulgação



# Cirurgia bariátrica: corpo e identidade

## Tratamento indicado para obesidade resulta em mudanças além da saúde corporal

Denise Araoz

No último ano, cerca de 100 mil procedimentos de gastroplastia - nome técnico da cirurgia bariátrica - foram realizados no Brasil. O país ocupa o segundo lugar na lista dos que mais realizam o procedimento, atrás apenas dos Estados Unidos. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica, um total de 100.512 pessoas se submeteram ao processo em 2016, um aumento de 7,5% comparado com 2015. O número que acompanha o crescimento de obesos no país, que chega a mais de 20% da população adulta brasileira, comparado com 17,5%, referente ao ano de 2010. Os dados foram lançados no final de janeiro, no relatório Panorama da Segurança Alimentar e Nutricional na América Latina e Caribe. uma parceria entre a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS).

### Primeiro passo para a cura da obesidade

A cirurgia bariátrica entretanto não é sinônimo de cura para a doença. É o que a equipe de uma clínica multidisciplinar especializada no tratamento

da obesidade deixa claro em uma de suas palestras mensais, obrigatórias para quem deseja realizar o procedimento.

“A cirurgia é apenas um primeiro passo para a cura da obesidade”, alerta a nutricionista Gabriela Bacelar. “Cerca de 30% da população volta a engordar”, frisa, deixando clara a necessidade de acompanhamento tanto no pré quanto no pós-operatório.

### Corpo e identidade

Embora indicado apenas com fins de combate à obesidade ou outras comorbidades (patologias correlacionadas à obesidade), a cirurgia ainda resulta em uma grande mudança estética. O resultado por vezes é comemorado pelos pacientes, mas um de seus riscos é a luta para construir e se adequar a uma nova identidade corporal.

Em maio deste ano, Bianca Fonseca, 27, completará cinco anos que foi operada. A cirurgia marcou uma nova etapa de sua vida. “Uma vez, acordei de madrugada, vi meu braço e pensei ser de outra pessoa. Levantei assustada porque não reconheci que aquele braço magro era meu”, conta. O acompanhamento médico, com idas à nutricionista, endocrinologista e outros tantos profissionais tem frequência anual. Porém, uma vez por mês, Bianca encontra uma especialista em transtornos alimentares. “Com certeza é o acompanhamento que eu acho mais importante. Porque de nada adianta tentar mudar sua alimentação se não tratar problemas como ansiedade, por exemplo”, opina.

O psicólogo Helder Farias, que acompanha pacientes no pré e pós operatório, conta que, após a cirurgia, os que deixam para trás o acompanhamento psicológico acabam desenvolvendo outras compulsões alimentares. “O obeso é muito estigma-

tizado, então se sente deslocado na sociedade. Muitos após a cirurgia ainda se sentem assim, inadequados, e podem desenvolver outro tipo de compulsão alimentar, como bulimia, por exemplo”, explica.

Por outro lado, alguns de seus pacientes contam com as consultas para desenvolver uma relação saudável com a comida. “Tenho pacientes que encontraram o prazer que sentiam com a comida em outros hábitos mais saudáveis. Um tinha gosto por escrever e hoje já tem livros publicados. O mais interessante é quando se tornam chefs, como já presenciei. Desenvolvem uma nova relação com a comida”, relata.

### Pós bariátrica: vantagens e riscos

A analista de TI Lorena Cova já completa quatro anos de cirurgia. Segundo ela, se pudesse voltar o tempo, faria tudo de novo: “Mudou minha vida para melhor. Eu sofria de asma (uma das comorbidades mais comuns), e, depois da cirurgia, nunca mais tive crise de falta de ar”, conta. Entretanto, os primeiros dois anos do pós-cirúrgico foram traumáticos.

“Sempre que eu comia, tinha a sensação de que ia morrer. Suava frio, sentia tonturas, ficava a ponto de desmaiar”. Trata-se da Síndrome de Dumping, uma complicação comum aos pacientes de cirurgia bariátrica. Os sintomas são decorrentes da alta absorção de glicose pelo intestino delgado. Porém, após dois anos da cirurgia, a constância do mal estar deixou de ocorrer e os sintomas são pontuais: “Agora, só ocorre se eu comer algo realmente muito gorduroso ou muito doce”.

Ainda sobre riscos, um dos mais temidos é a obstrução no estômago. Um estudante de direito, que optou por não ser identificado, retornou à mesa de cirurgia três anos após o procedimento. “Certo dia de madrugada, acordei com dores insuportáveis e minha namorada me levou correndo ao hospital”. De acordo com o estudante, foi preciso ser entubado sem anestesia, devido à urgência do procedimento.

Apesar do sufoco que passou, o paciente ainda considera que realizar a cirurgia foi importante decisão que colaborou na melhora de sua vida e saúde, tanto física quanto psíquica.

# Aumenta fila de espera para transplante

## Segundo dados da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 6 de cada 10 famílias não autorizam doação

Cássia Carolina Macedo

Segundo dados da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab), seis entre dez famílias baianas não autorizam a doação de órgãos após o óbito de um familiar. Segundo estudo realizado pela Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), a falta de conhecimento sobre irreversibilidade da morte encefálica é principal causa de recusa de doação de órgãos, somado a questões religiosas. Isso traz impacto direto sobre o número de transplantes de órgãos realizados no Estado, que atualmente é em torno de 70 cirurgias por mês.

America Carolina Sodré, coordenadora da Central de Transplantes da Bahia diz que o maior problema encontrado é a falta de doadores, por causa da não autorização por parte das famílias. Segundo a Registro Geral da Central de Transplantes (RGCT) existem hoje 2273 pessoas na fila de espera na Bahia (dados de Janeiro de 2017). Tal como no resto do país, os órgãos mais solicitados são o rim e a córnea.

Após o óbito, caso haja autorização por escrito da família para a doação, a Central de Transplantes lança os dados do doador no sistema, que faz um cruzamento de informações como o tipo sanguíneo e características genéticas. Por meio deste processo é possível gerar a relação de órgãos e encaminhá-los para as Unidades Transplantadoras. Na Bahia há unidades em Salvador, Teixeira de Freitas, Feira de Santana e Jequié. “Não há grandes deficiências para que ocorram os transplantes no Brasil”, afirma America Sodré. “O mais difícil é conseguir o doador, sem dúvida, pois os profissionais são experientes e os centros estão muito bem preparados”, completa.

### Doação

O procedimento de doação ainda é desconhecido para muita gente. É importante ressaltar que existem órgãos e tecidos que podem ser transplantados de um doador ainda vivo, como rim, medula óssea, e partes do fígado e pulmão, e existem aqueles nos quais a cirurgia exige um doador após óbito,

como córnea e coração. O doador pode ser um membro da família, ou alguém que esteja cadastrado no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (REDOME), contanto que que esteja em boas condições de saúde e seja compatível com o paciente que irá receber o órgão ou tecido. Para se tornar doador, é necessário fazer um cadastro no site do REDOME, e avisar a família que deseja ser um.

É essencial que todos saibam que não é necessário deixar nada por escrito. Ainda que a pessoa demonstre, em vida, interesse de ser um doador, caso ocorra a morte encefálica - interrupção irreversível das atividades cerebrais -, a retirada do órgão é feita somente mediante autorização familiar. “O desejo é da pessoa, mas a decisão é da família”, esclarece Sodré. Em casos onde a pessoa em óbito não tem um familiar próximo que possa permitir o procedimento, a doação é feita somente com autorização judicial. Pessoas desconhecidas (sem identificação) não podem ser doadoras.

### Procedimento no SUS

Conforme dados divulgados pelo Ministério da Saúde em 2015, no Brasil 95% dos transplantes são realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A Sesab defende que a metodologia do processo é extremamente organizada, com repasse de verbas diretamente do governo federal, através do Fundo de Ações estratégicas e Compensação (FAEC). Todas as ações, desde a busca pelo potencial doador até o procedimento do transplante, é financiado pelo SUS - embora empresas privadas de saúde também o realizem.

A Bahia tem feito uma média de 70 transplantes por mês, somando fígado, rim, córnea e medula. Como a taxa de doadores ainda é baixa, esse número não é o ideal, e os hospitais acabam não conseguindo realizar a quantidade de transplantes necessários mensalmente.

### Fila de espera

Há mais de duas mil pessoas aguardando transplante por falta de doadores. Campanhas de



doação têm sido feitas em todo Estado, na tentativa de mudar esse cenário.

Gersia Aparecida Macedo Lima, 27 anos, está na fila de espera há cerca de 1 ano, aguardando doação de córnea. Ela tem feito o tratamento pelo sistema público de saúde, em hospital de Salvador e chegou a ser chamada para iniciar o processo de transplante, porém não pôde concluir devido à gravidez. Agora está prestes a fazer uma nova avaliação, para realizar a cirurgia.

Edison Almeida, de 71 anos, também aguardou por 5 anos na fila de espera, enquanto ainda fazia o tratamento em clínica particular no bairro de Itapuã. Ele conseguiu fazer o transplante de rim no hospital São Rafael. “A equipe de lá é muito boa”, afirma. “Atualmente, estou bem. Nos primeiros anos são muitos medicamentos, mas vão diminuindo”.

A expectativa da SESAB é que o quadro de doações no Estado melhore. Do início de 2016 para 2017, já houve uma pequena redução dos números de negativa familiar, que foi de 70% para 61%, segundo a Central de Transplantes. O ideal é que as campanhas consigam se estender para todas as cidades da Bahia, incentivando doadores vivos e quebrando tabus sobre a maneira como é feita a doação de órgãos de pessoas que faleceram.

# Galícia x Ypiranga: o clássico dos esquecidos

Após anos de glórias, os dois times tradicionais soteropolitanos beiram o ostracismo.

Luís Felipe Brito

Ypiranga e Galícia já viveram suas glórias no futebol baiano. Os dois times já protagonizaram o certame e hoje vivem em situações complicadas. Torcedores, jogadores e ex-jogadores falam sobre os clubes, suas histórias e a situação atual.

## O Mais Querido

Com sede na Vila Canária, o Ypiranga Esporte Clube foi fundado em 7 de setembro de 1906. Conhecido como “O Mais Querido”, o clube foi campeão baiano por 10 vezes entre os anos de 1917 e 1951, de acordo com o site oficial. O clube passa por uma grande crise desde a década de 90 e nos anos 2000 chegou a encerrar suas atividades esportivas. Até que em 2010, o ex-jogador Emerson Ferreti assumiu a presidência do clube e o reestruturou para que finalmente voltasse à praça esportiva, no campeonato baiano da segunda divisão. Atualmente, o Ypiranga ainda luta para voltar à primeira divisão do campeonato baiano.

O time tem na sua história a marca de ter sido a maior torcida da Bahia e, entre os torcedores, alguns ilustres como Jorge Amado e Irmã Dulce. Não é muito difícil encontrar pela cidade algumas camisas amarelas e pretas, sendo que, na maioria

deles, são torcedores mais velhos que tentam passar o orgulho do “Mais Querido” para sua família. Um deles é seu Geraldo, 71 anos, morador do Cabula e torcedor do Ypiranga que fala com orgulho dos tempos áureos do clube. “O Ypiranga batia o Bahia e o Vitória sempre. Eu me lembro que em 89, o Ypiranga não ganhava nada há 50 anos e o Vitória passou ele em títulos baianos. Imagine, 1989! E mais, ainda vou ver o Ypiranga ganhar um título” disse sorrindo. Na verdade, foram 39 e não 50. Mas para o torcedor apaixonado, durou meio século o tabu. Apesar do time estar em uma situação ruim, Seu Geraldo não se sente envergonhado. “Eu não tenho vergonha de dizer que sou Ypiranga, teria vergonha se eu roubasse. Meu time, mesmo sem ganhar nada nos últimos anos, ainda é um dos que mais venceram aqui. Vamos ganhar mais!” diz o torcedor otimista com o futuro do clube. Ele tenta ajudar o clube olhando os meninos do bairro onde mora e levá-los à Vila Canária, mas nem sempre o clube os acolhe. Ciente das condições da instituição, enxerxa as divisões de base como solução para a crise.

Para entender melhor a situação do clube, eles não possuem divisão de base ainda. Segundo o seu presidente, em entrevista a TVE, este ano seriam implantadas as divisões base, pois aconteceram seletivas no mês de janeiro. Um ex-jogador que não quis se identificar falou sobre a estrutura atual. “É

boa, mas ainda fica longe dos principais clubes. O presidente está fazendo o possível. Como todo time pequeno do país, passa por dificuldades”, comenta.

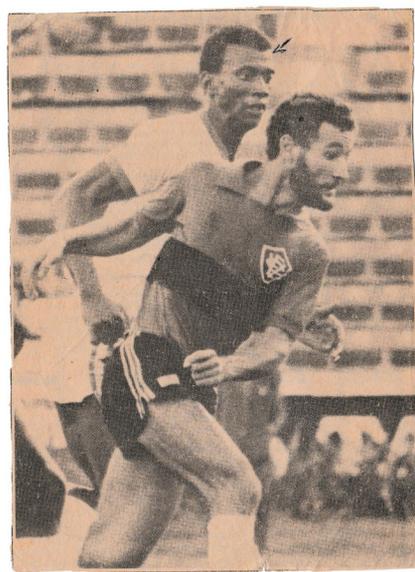
Ações como a de Seu Geraldo são o reflexo da situação do time, mas todo torcedor do Ypiranga o ama e defende incondicionalmente. Não à toa, é chamado de “O Mais Querido”.

## Granadeiros

O Galícia tem a sede no Parque Santiago, em Brotas, e é outro time vencedor do século passado. Foi fundado em 1º de janeiro de 1933 por imigrantes espanhóis provenientes da Galícia. O clube esteve no topo do futebol da Bahia durante sua primeira década de vida: campeão em 1937, sagrou-se o primeiro tricampeão baiano nos anos de 1941, 1942 e 1943, além de conquistar os vice-campeonatos no final da década de 30. Voltou a ser campeão baiano em 1968, segundo dados do site do clube. Atualmente, o Galícia se encontra na primeira divisão do campeonato baiano.

A situação do time não se difere do Ypiranga. O clube passa por colapso financeiro, mas a estrutura é um pouco melhor em comparação com “O Mais Querido”. Sua torcida é conhecida como “Granadeiros” e tem uma peculiaridade: Salvador possui a terceira maior colônia espanhola do Brasil e grande parte deles torcem pro Galícia pelas suas origens.

Abaixo, zagueiro Monteiro atuando contra a dupla BaVi



Monteiro (ao fundo) e Robson são dois destaques do clássico de amanhã

## ABB 2x2 Galícia

gando pelo Torneio In-  
vo, ABB e Galícia empa-  
m, ontem à tarde, na  
e Nova, em 2x2, fazendo  
minar de Vitória x Des-  
iva. O resultado final re-  
u a produção das duas  
pes, com ligeira vantagem  
a o ABB que esteve por  
s vezes à frente do marca-  
através dos gols de  
nteiro e Tabatinga. Bel é  
melho descontaram para o

Galícia. Cláudio Falcao, Ari-  
tarco Dantas e Cleivaldo Bri-  
zolaro, o trio de arbitragem.  
ABB: Hamilton, Alan, Mon-  
teiro, Nino e Lidio; Lula, Ta-  
batinga e Evandro; Lazaro,  
Moura (Miro) e Lulinha (Vi-  
fredo). Galícia: Jurandy, Ri-  
berto Oliveira, Ruy, Reizir,  
Padrinho, Eládio, Zé,  
mundo e Vermelho; Bel e  
Reinaldo e Bel (Romir-  
son).



Monteiro vem se constituindo num dos melhores jogadores do atual time do Galícia

Monteiro relembra os tempos gloriosos atuando pelo Galícia



Acima, Ypiranga campeão Baiano em 1951  
À esquerda, Galícia campeão em 1967  
Abaixo, manchetes que nunca mais se repetiram. Feito histórico do Galícia entre 1941 e 1943.



A raça do zagueiro Monteiro leva o Galícia às finais



Monteiro e Luis Carlos, raça e técnica na zaga do Galícia



Robson, que sofre falta de Monteiro, foi o terceiro artilheiro do Bahia no Campeonato.



Eles possuem um site mas os fóruns não são atualizados desde 2007. O repórter tentou entrar em contato, mas não obteve resposta. Eduardo Macedo, ex-jogador do Galícia, comenta sobre a situação. “O clube passa por dificuldades financeiras, mudanças de diretoria e comissão técnica. Não tem muita estrutura, mas tenta exercer um bom trabalho dentro das suas possibilidades. É um bom lugar pra se trabalhar.” Ciente da história do clube, reforça que inclusive até os funcionários tentam motivar os jogadores falando sobre a grandeza do time. “É bem comum os funcionários e alguns torcedores conversarem com os jogadores sobre a história do clube”, afirma o ex-jogador.

Já nas divisões de base, o cenário é um pouco diferente. A atenção dada é menor, o campo de treinos também não está em boas condições e financeiramente ainda há muito a se conquistar. Rafael Van, ex-jogador da base do Galícia, relata que toda vez que tinham treino “eles pagavam 10 reais de transporte, não tinha contrato, pois era menor de idade e o campo era ruim. Acho que a base é uma alternativa para o time quando está sem dinheiro, poderiam dar mais atenção”. Ele reforça a fala de Eduardo citando técnico Jaime. “Ele sempre falava sobre as conquistas (do clube) e que queria recolocar o Galícia no cenário baiano e nacional”, comenta.

Os times têm uma história grandiosa no futebol baiano. Até a década de 90, eles confrontavam Bahia e Vitória. Com condições um pouco melhores, um dos jogadores daquela época, o zagueiro Monteiro, fala sobre os tempos bons. “Eu joguei a série A do brasileiro, conheci e marquei grandes jogadores como Careca do São Paulo, Beijoca do Bahia, Valdir Perez do Santos... naquela época o clube já passava por sérias situações, era quase certo chegar a esse ponto hoje”. Perguntado se o Galícia ainda o ajuda ou o reconhece, foi enfático: “Não me ajuda em nada. O único reconhecimento que tenho é dos torcedores. Na Liberdade, onde ando sempre, vários torcedores me param e conversam comigo sobre aquele momento”. Mas o zagueiro não culpa somente os dirigentes do time. “Desde aquele tempo e até hoje, só tem um pedaço do jornal destinado aos times pequenos, pode observar”, reclama. “Pior é na TV, que nunca tem, só se jogar contra o Bahia ou Vitória”.

A imprensa baiana não dá atenção necessária aos times, muito menos a Federação Baiana de Futebol (FBF). O que nos resta é resgatar as histórias dos torcedores e passar por gerações a importância dos times para o futebol baiano.



Este ano o Galícia está na primeira divisão do campeonato baiano e lutando mais uma vez para não cair pra segunda. Já o Ypiranga ainda está na luta pra retornar à principal divisão do futebol baiano. O Galícia obteve quatro vice-campeonatos: 1967, 1980, 1982 e 1995. No plano regional, obteve o vice-campeonato do Torneio Norte-Nordeste de 1969. Nacionalmente, participou do Campeonato Brasileiro da Primeira Divisão em 1981 (25º lugar) e 1983 (43º lugar) Até este ano, o Ypiranga é o terceiro clube da Bahia com mais títulos atrás de Bahia (46) e Vitória (28). E conquistaram ainda o Campeonato do Norte-Nordeste em 1951 e o Torneio Início de 1919 a 1963

# Moeda social fortalece economia

## Fuga da renda de Matarandiba para grandes centros está sendo minimizada e a economia se fortalece no local



Maryanna Nascimento

O mar divide Salvador de Matarandiba, comunidade localizada no município de Vera Cruz. Mesmo vizinha, muitos podem não conhecer ou até achar que a ilha é fictícia como a Utopia de Thomas Morus, já que lá existe uma moeda que não se encontra em nenhum outro lugar, a Concha. Com ela, o seu João pode ter desconto na compra do feijão sempre que compra no mercadinho da esquina e isso gera estímulo ao consumo local, além de circulação de renda dentro da ilha.

Moedas como a de Matarandiba são chamadas de moedas sociais. As duas principais funções são o incentivo ao consumo entre comerciantes, produtores e consumidores locais e o estímulo a uma relação diferente com o dinheiro, onde a sociedade cria e restaura vínculos.

Com a entrada da Concha na ilha, a fuga da renda local para grandes centros comerciais está sendo minimizada e a economia se fortalece. Isso acontece porque os moradores têm a opção de comprar produtos e serviços na própria comunidade, através do uso da moeda, e muitas vezes com desconto. O valor de uma mercadoria, por exemplo, pode ser pago em Concha e com a circulação exclusiva na localidade o dinheiro permanece em movimento.

Nelma Freitas, ex-moradora de Matarandiba que acompanhou o processo desde o início, afirma contudo que a moeda social ainda não engrenou de verdade. “Já ouvi relatos de pessoas que recebem pagamentos em Concha e trocam por real sem utilizar a moeda no comércio local”, diz. A queixa de Freitas pode ser justificada pelo fato de ninguém ser obrigado a usar uma moeda social ou participar desse sistema, diferente do real que é de uso obrigatório por lei.

De acordo com Rosângela Tigre, agente de crédito do Banco Comunitário de Desenvolvimento Ilhamar (BCDI) - órgão responsável pela autoridade monetária da Concha -, o processo foi desafiador por se tratar de uma comunidade tradicional “onde já se tem uma concepção formada das coisas e mudar isso foi vagaroso”. Porém, ela afirma que de trinta comércios apenas um não aceita a moeda.

Outro argumento é que a maioria dos comerciantes precisam fazer o câmbio da moeda para comprar mercadoria fora do local. Essa garantia é concedida apenas àqueles vinculados com o BCDI, não incluindo os consumidores.

Por outro lado, qualquer um que deseje consumir a Concha pode fazer a troca de real pela moeda ou solicitar um microcrédito junto ao Banco Comunitário. “A moeda é trocada pelo mesmo valor do real”, afirma Tigre. A Concha, que é considerada pelo Banco Central como instrumento de desenvolvimento local, é feita em uma gráfica em Salvador e “todo o design foi feito por pessoas da própria ilha”, completa.

O design e o nome da moeda trazem símbolos associados a Matarandiba. A Concha recebeu esse nome porque é uma palavra que representa a característica da vila - a pesca artesanal é a principal fonte de renda da população - e, além disso, é curta e fácil de memorizar. Nas ilustrações das notas há “manifestações culturais, animais, fazeres e outros elementos que representam muito bem o cotidiano de Matarandiba, como o desenho da marisqueira, do caranguejo e da festa do Boi Estrela”, diz Igor Itã Almeida, coordenador do apoio técnico da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia (ITES/UFBA) à Rede Local de Economia Solidária.

### De onde vem?

A iniciativa da moeda social nasceu da mobilização dos moradores da vila a favor de um projeto de desenvolvimento, cobrado à prefeitura e à companhia Dow Brasil, que extrai sal-gema nas proximidades. A empresa acatou a solicitação e a ITES/UFBA foi convidada a fomentar a criação de uma Rede Local de Economia Solidária em Matarandiba.

“Na Rede Matarandiba de Economia Solidária e Cultura, ao longo dos seus quase 10 anos de criação, foram surgindo várias iniciativas de campos de atuação extremamente diversos, desde associações locais até o Banco Comunitário Ilhamar, com a moeda social Concha”, afirma Almeida. No

entanto o protagonismo é da comunidade através de órgãos como a Associação Comunitária de Matarandiba (Ascoma), Associação Sociocultural de Matarandiba (Ascomat) e dos empreendimentos ViverTur Matarandiba e Rádio A Voz da Terra.

No caso da moeda social, ela surgiu com o propósito do seu João comprar a cesta básica no próprio município, por exemplo, já que a Concha não terá validade em outro lugar. Esse fator contribuiu para que a produção, distribuição e consumo locais sejam reorganizados e que a riqueza seja criada a partir dos recursos disponíveis.

A UFBA também acaba exercendo o seu papel no processo de economia solidária e consequentemente na implantação de moedas sociais. Essa presença da academia acontece “não apenas no estudo e na promoção do conhecimento, mas também no acompanhamento técnico e no desenvolvimento de tecnologias sociais junto aos empreendimentos, como é o papel das incubadoras”, afirma Luana Vilutis, pesquisadora da UFBA na área de economia solidária.

### Outras moedas sociais na Bahia

- **Tinharé**, do Banco Casa do Sol, em Cairu
- **Sururu**, do Banco Comunitário Quilombola do Iguape, em Santiago do Iguape, Cachoeira
- **Moex**, do Banco BAMEX, em Canavieiras
- **Manguezal**, do Banco Ouro Negro, em São Francisco do Conde
- **Abrantes**, do Banco Abrantes Solidário, em Vila de Abrantes, Camaçari
- **Licuri**, Banco Amigos do Sertão, em Guanambi

### O que vem por aí

- **Caeté**, do Banco Dois de Julho em Caetitê - segundo semestre 2017
- **Emoja**, do Banco Santa Luzia no bairro do Uruguai, Salvador - janeiro/2018